

## FÓRUM DE DEFESA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE DO DISTRITO DE MARCILAC.

Rua Paschoal Belmonte n.07 - Eng. Marcilac - Cep. 04893-000-Fone.: 5975-2122 Lúcia

caderno A

8

Cidade

jornal da tarde  
quinta-feira, 21 de agosto de 2003

## Estudantes acusam PMs de agressão

Alunos de uma escola estadual em Marsilac, na Zona Sul, denunciam ter apanhado de policiais militares que fazem a Ronda Escolar. A agressão, segundo eles, teria ocorrido após um dos adolescentes ter ofendido os policiais. A Polícia Militar diz que houve apenas repreensão a jovens que pularam o muro da escola

CAMILIA HADDAD

Os alunos do ensino fundamental da Escola Estadual Regina de Miranda Brandt, localizada na Rua Filomena Belmonte, em Engenheiro Marsilac, no extremo Sul da capital, tiveram a aula de inglês interrompida na tarde de terça-feira por dois policiais militares. Na versão dos alunos, os homens ordenaram que eles fossem para o corredor e lá, teria havido uma farta distribuição de socos, pontapés, tapas e coronhadas em oito adolescentes. A versão da PM é outra.

De acordo com C.B., de 15 anos, que afirma ter apanhado na cabeça, o pivô da confusão foi um de seus colegas de classe, que teria chamado um dos PMs que fazem a Ronda Escolar de "coxinha" - a gíria ofensiva, é usada para designar policiais que costumam comer nos estabelecimentos sem nada pagar. "A diretora da escola autorizou a entrada dos policiais até o nosso andar para brigar com a gente", denunciou C., que garantiu que, depois dos chutes, os policiais ameaçaram se encontrarem os adolescentes na rua, os levariam para o matão para bater mais.

Segundo testemunhas, enquanto os estudantes eram levados para o corredor, as meninas seguiam assistindo à aula. "Ficamos sem poder fazer nada", disse a aluna J., de 15 anos. "Os meninos voltaram todos machucados".

O aluno J.S., de 14 anos, contou ter sido empurrado contra a parede. "Tive de colocar uma faixa no meu cotovelo porque machucou muito".

Durante toda a manhã de ontem, a movimentação na escola foi intensa. Os alunos de outras séries que ensaiavam a fanfarra comentavam indignados o assunto.

A.P., de 15 anos, foi uma das alunas que teria visto os policiais. "Eu dei uma espiada de dentro da classe. Falamos para a professora, mas ela achou que fosse brincadeira".

A diretora da Escola Estadual Regina de Miranda Brandt, Roseli Marilda Oliveira, não quis responder



Alunos da Escola Estadual Regina Mendes de Miranda Brandt, que acusam policiais militares de agressão

às acusações dos alunos de que estava presente na hora das agressões. C., de 15 anos, disse ter tentado alertar a diretora de que seus colegas apanhavam no corredor. "Ela me respondeu que não podia fazer nada. Os tapas acabaram sobrando até para mim".

## Conselho Tutelar esteve na escola

Maria Lúcia Cirillo, presidente da Associação de Moradores de Marsilac e integrante do Fórum de Defesa da Criança e do Adolescente de Marsilac, acionou ontem o Conselho Tutelar Municipal para

apurar as denúncias. Ela também encaminhou no fim da tarde um ofício para a Promotoria da Infância e do Adolescente.

Ainda ontem, os conselheiros ouviram todos os oito alunos e seus pais e os levaram para fazer exame de corpo de delito, no Instituto Médico Legal Sul, na Zona Sul. De acordo com o conselheiro Deusdete Alves de Assunção, em quase dois anos de trabalho ele nunca havia registrado esse tipo de denúncia. "Isso é muito grave e dependendo dos resultados vamos levar, essas agressões até o fim da semana para o conhecimento da Corregedoria da Polícia Militar."



A diretora autorizou a entrada dos policiais para brigar com a gente." De um dos garotos que foram agredidos

## Policiais têm outra versão

Apesar de os alunos e pais da Escola Estadual Professora Regina de Miranda Brandt terem confirmado a agressão por parte dos policiais, a versão foi negada pela Polícia Militar. De acordo com o tenente Moreno, chefe da sala de imprensa, não houve nenhum tipo de lesão ou constrangimento dentro da escola.

"Me espanta um pal ou uma mãe estarem cientes de que o filho foi agredido e, ao invés de registrar um boletim de ocorrência, chamarem a imprensa para fazer a denúncia." O tenente explicou ainda que o comandante da área do 27º Batalhão, ao qual os dois policiais pertencem, esteve ontem à tarde na escola conversando com a diretora Roseli.

"A intervenção policial aconteceu, mas os policiais só entraram na escola a pedido da diretora." Segundo o tenente, ela teria pedido a ajuda dos policiais

porque os alunos estavam pulando o muro da escola.

"Os policiais acompanharam os alunos à diretoria e fizeram um trabalho de orientação", garantiu.

A Secretária de Estado da Educação justificou o caso com os mesmos argumentos da Polícia Militar. Durante toda a tarde a secretária apurou as denúncias e informou não ter constatado nenhuma lesão nos alunos.

Para as mães, o caso não está encerrado. Ontem elas ficaram na porta da diretoria até serem atendidas. "Quando essa Ronda Escolar começou a funcionar aqui na região, eu dei graças a Deus e fiquei bem mais tranquila com a segurança dos meus três filhos que estudam aqui", disse a dona de casa que preferiu se identificar como R.S., de 35 anos.

Ela contou não ter ido até a delegacia para registrar ocorrência por não achar necessário, já que o Conselho Tutelar Municipal estava

apoiando as possíveis agressões.

"A gente acha que na escola o filho está seguro, mas quem deveria fazer a segurança acaba batendo nas crianças".

A dona de casa A.C., de 34 anos, está com medo de o filho continuar na escola. "Não é a primeira vez que isso acontece. Terei de tirar meu filho daqui e o pior é que não tem outro lugar para ele poder estudar".

M.L., de 48 anos, que trabalha na roça, estava surpresa. Largou o serviço prestado em um sítio e acompanhou o filho. Ela afirmou não ter feito boletim de ocorrência porque ficou sabendo das agressões por vizinhos.

"Eu tenho problemas de criação e meu filho chegou em casa sem me contar, porque teve medo que eu tivesse alguma complicação de saúde".

M. disse ter certeza que o filho apanhou dos policiais militares. "Quando ele saiu de casa estava



bem, mas quando voltou da escola ele está com a barriga toda vermelha".

Todos os alunos que denunciaram a agressão estudam das 13h às 18h. Segundo os adolescentes, aconteceu de alguns alunos pularem o muro, mas desta vez, eles negaram ter sido esse o motivo da agressão.

## Na Febem, nada mudou

Nada mudou na Unidade 31 da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem) em Franco da Rocha, desde que o monitor Rogério Rosa, de 32 anos, foi morto a facadas por internos durante uma rebelião no último dia 13. A superlotação, carência de funcionários e falta de atividades para os adolescentes ainda são a rotina do local - um sinal de que os motivos podem se repetir.

Ontem, alegando risco de vida, os empregados se recusaram a entrar no complexo e exigiram que fosse feita uma revista pela Polícia Militar. A direção da Febem solicitou a revista, e registrou queixa na delegacia de Franco da Rocha, contra a atitude dos servidores. Os funcionários revistaram com outro boletim de ocorrência, por preservação de direitos, em que a Febem é acusada de colocar vidas em risco. Ao fim a revista a PM encontrou 15 facas improvisadas.

De acordo com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Febem, Antonio Gilberto da Silva, os internos permanecem trancados nas celas porque não há pessoal suficiente para tomar conta deles no pátio. "São apenas 20 funcionários para cuidar de mais de 600 internos", afirma.

Ele diz ainda que a Unidade 31 vive uma disputa de lideranças que ameaçam matar mais funcionários para mostrar poder. "Com a saída de Batoré, o interno conhecido como Popeye assumiu parte do comando. Mas o menor A.B.S., que participou da morte de Rosa já avisou que se Popeye não matar mais um, perderá a coroa", contou o presidente. O sindicato chegou a apresentar à Febem, um plano de desativação da Unidade 3, no qual os internos seriam transferidos para outras 4 unidades. Mas o plano não foi aceito porque não haveria condições de acomodá-los.

Fazem 365 dias que a comunidade de Eng. Marcilac espera uma posição das autoridades responsáveis pela apuração dos fatos acontecidos no dia 18/08/2003. Fatos estes praticados por quem deveria ensinar os direitos e dar segurança para estas crianças e adolescentes, que foram covardemente espancados por quem deveriam respeitá-las.

